

## Apresentação

*Rosa Freire d’Aguilar Furtado*

*Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, publicado em 1961,<sup>1</sup> reúne estudos escritos por Celso Furtado durante quase dez anos. O livro está dividido em duas partes. A primeira, “Desenvolvimento”, traz três ensaios que são reedições atualizadas de trabalhos anteriores. Analisam os princípios teóricos e a relevância das doutrinas clássica, marxista e keynesiana para explicar os problemas dos países em desenvolvimento. Ou melhor, mostram que o autor é bastante cético quanto à utilidade dessas teorias no estudo do subdesenvolvimento. A segunda parte, “Subdesenvolvimento”, compõe-se de três capítulos novos cujo conteúdo logo ganhou importância, pois foi neles que Celso manifestou, pela primeira vez de forma sistemática, a convicção de que o subdesenvolvimento merecia uma interpretação teórica própria, em face da inadequação e da insuficiência das teorias europeias. Foi aí também que firmou as bases de sua teoria do subdesenvolvimento econômico. Em suas palavras:

O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento.<sup>2</sup>

Embora seja uma coleção de ensaios, *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* tem uma homogeneidade que se deve ao fato de que seu autor, como sublinha na introdução, havia um decênio

---

1. Celso Furtado, *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

2. *Ibid.*, p. 180.

perseguia o mesmo objetivo, “encontrar caminhos de acesso à inteligência dos problemas específicos do subdesenvolvimento econômico”. Em 1960, quando reuniu os textos para publicação, concluiu os dez anos em que fora economista da Cepal, em Santiago do Chile. Após um ano como pesquisador na Universidade de Cambridge, Inglaterra, voltara ao Brasil, onde assumira novas e maiores responsabilidades no governo. Estava em plena batalha para implantar as reformas da Sudene, consolidando a instituição que se propunha a acelerar o desenvolvimento do Nordeste. A atividade política e administrativa era intensa, mas Celso teve tempo para organizar suas reflexões nesse que seria seu primeiro livro de teoria, com um enfoque estrutural dos problemas econômicos. O envolvimento com a ação política o levou, contudo, além da pura teoria. O último capítulo, escrito especialmente para o livro, é “uma tentativa de aplicação das ideias formuladas nos dois capítulos anteriores à interpretação do desenvolvimento brasileiro nos últimos três decênios”.<sup>3</sup> Como sempre fez: teorizar, sim, mas para agir.

*Desenvolvimento e subdesenvolvimento* foi lançado em julho de 1961. Livro de teoria focado em temas econômicos, teve inesperada repercussão de crítica e público. Em setembro, já na segunda edição, continuava na lista dos nacionais mais vendidos, ao lado de *Os velhos marinheiros*, de Jorge Amado, e *O homem nu*, de Fernando Sabino. Até 1965, foram quatro edições, de 5 mil exemplares cada uma. Logo vieram as traduções para castelhano (Buenos Aires, Eudeba, 1964) — nos três primeiros anos, a venda na Argentina chegou a 19 mil exemplares —, inglês (edições em capa dura e de bolso, Los Angeles, University of California Press, 1964), francês (Paris, Presses Universitaires de France, 1966). Em 1980, quando o Irã vivia o início da revolução islâmica liderada pelo Aiatolá Khomeini, Celso, em Paris, recebeu a notícia de que o livro fora publicado em Teerã, com o beneplácito da co-

---

3. *Ibid.*, p. 15.

missão encarregada de avaliar livros estrangeiros candidatos a publicação no país. A tradutora para o persa conseguiu contatá-lo durante uma viagem à França, desculpou-se pela tradução feita sem sua autorização e ofereceu-lhe como “direitos autorais” uma imensa caixa dos deliciosos pistaches iranianos.

Em cartas a amigos e pesquisadores, Celso dá conta do significado de *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* em sua obra. Ao economista mexicano Víctor Urquidi, velho amigo dos tempos da Cepal, escreve semanas depois do lançamento do livro no Brasil:

Trata-se de um apanhado crítico e de uma reformulação e ampliação de tudo que escrevi relacionado com teoria econômica no último decênio. Se não tivesse outro valor, esse esforço de condensação serviu para que eu publicasse o pouco que realizei.<sup>4</sup>

Para o professor Maurice Byé, orientador de sua tese defendida na Sorbonne treze anos antes, frisa que em *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* “muitos dos problemas que preocupam atualmente os economistas aí estão apresentados pela óptica de um economista de país subdesenvolvido”<sup>5</sup>

A um pesquisador que lhe pede para falar de suas obras Celso lembra que o livro “é certamente aquele que foi escrito com visão a mais longo prazo e pretendendo ser mais ‘acadêmico’”<sup>6</sup>. A Joseph Love, professor de história econômica da Universidade de Illinois, detém-se na teorização cujas bases estão expostas em *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*:

Pessoalmente contribuí para desenvolver duas ideias que vieram a ter alguma significação no pensamento latino-americano. A primeira diz respeito à caracterização do subdesenvolvimento como uma conformação estrutural que tende a reproduzir-se. Cheguei cedo a essa percepção porque minha

4. Carta de Celso Furtado a Víctor Urquidi, 13 set. 1961.

5. Carta de Celso Furtado a Maurice Byé, 28 jun. 1963.

6. Carta de Celso Furtado a Ademar Ribeiro Romeiro, 1 mar. 1979.

tendência desde o início foi privilegiar o lado da demanda na análise do processo do desenvolvimento. A segunda ideia tem a mesma raiz e diz respeito à ligação entre o perfil da demanda, a tecnologia (e o coeficiente de capital implícito) e a repartição da renda. Essas ideias estão expostas em *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, mas eu as vinha trabalhando de muito antes.<sup>7</sup>

Reafirmando a necessidade de uma teoria do subdesenvolvimento, mais que mera teoria do crescimento econômico, prossegue:

Os países que se inserem no sistema de divisão internacional do trabalho como exportadores de produtos primários (em particular agrícolas) absorvem tecnologia mais rapidamente no nível dos produtos finais do que no dos processos produtivos. A *modernização* é mais rápida do que o avanço nas técnicas produtivas. Portanto, não se necessita adotar uma visão conspiratória da história para perceber os vínculos entre subdesenvolvimento e desenvolvimento.<sup>8</sup>

No fundo, a ideia era explicar como o subdesenvolvimento é um subproduto da dinâmica da expansão capitalista. E como, neste, tem papel essencial a distribuição de renda, conforme percebeu o economista inglês Maurice Dobb, da Universidade de Cambridge, ao escrever uma resenha para a edição inglesa do livro:

Notável por enfatizar a que ponto a distribuição da renda pode ser um fator crucial para determinar (por seu efeito na demanda e na estrutura da demanda) se o desenvolvimento se torna um processo cumulativo ou é sustado porque o aumento da capacidade produtiva falha em se combinar com um crescimento da demanda apropriado, [...] este livro é certamente rico em ideias e estimulante na nova reflexão e perspectiva que seus estudos nos proporcionam.<sup>9</sup>

---

7. Carta de Celso Furtado a Joseph Love, 22 dez. 1982.

8. *Ibid.*

9. Maurice Dobb, *Economica*, nov. 1965.

O professor Hans G. Mueller, do Middle Tennessee State College, resume em uma metáfora musical o escopo do livro:

O desenvolvimento econômico foi uma discussão popular no Brasil por uma década e meia, com tons nacionalistas, semitons marxistas, trombetas jornalísticas, e alguns ruídos de economistas antiquados. Celso Furtado empreendeu a tarefa de sustar esse barulheira cacofônica com simples mas bem orquestrados instrumentos da análise econômica.<sup>10</sup>

Em 1966 Celso era professor de desenvolvimento econômico e economia latino-americana na Sorbonne. Ressentia-se da pequena oferta de livros de texto sobre a problemática do desenvolvimento que fossem diretamente orientados para os estudantes de economia e ciências sociais. Ele reconhece que

[...] já dispõem, presentemente, professores e alunos, de alguns textos de real valor dedicados à temática do desenvolvimento econômico. Contudo, esses textos, preparados para serem utilizados em países de economias já muito desenvolvidas, nem sempre dedicam a necessária atenção aos problemas específicos dos países subdesenvolvidos.<sup>11</sup>

Pensando em preencher a lacuna, decidiu reformular *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Daí nasceu um livro mais didático, *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, publicado em 1967, estruturado de forma a ser adotado nas universidades. Parte eram textos revistos de *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, parte era o curso de teoria e política do desenvolvimento que deu em 1965 na Sorbonne. Celso introduziu um capítulo sobre agricultura e desenvolvimento, outro sobre dependência, deu maior coerência ao todo e ampliou a parte sobre modelos dinâmicos neoclássicos.

10. Hans G. Mueller, resenha de *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, *The American Economic Review*, v. LIII, n. 3, jun. 1963.

11. Celso Furtado, prefácio à primeira edição de *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, p. xvii.

Assim, a última edição de *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* foi a de 1965. Com a distância, o livro pode ser visto como uma versão preliminar de *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. Mas é nele que pela primeira vez Celso consolida seu pensamento teórico. É aí que se encontra o núcleo e a súpula de suas ideias sobre o desenvolvimento econômico, que ao longo dos anos seriam reelaboradas e decantadas. É por seu valor seminal que *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* está de novo em circulação, inaugurando a coleção Economia Política e Desenvolvimento editada pelo Centro Celso Furtado em parceria com a editora Contraponto.